

Artigo Original



10.1590/1809-58442026126pt



Open access

Misoginia e discurso de ódio: Um estudo netnográfico no WhatsApp

*Misogyny and hate speech - A netnographic study on WhatsApp**Misoginia y discurso de odio - Un estudio netnográfico sobre WhatsApp*

Raquel Pereira Rodrigues Leite

Universidade Federal do Paraná; Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba (PR) – Brasil.

Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco

Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR) – Brasil.

Detalhes Editoriais

Sistema duplo cego

Histórico do Artigo:

Recebido: 28/10/2024
Aceito: 11/11/2025
Disponível online: 30/05/2026
Artigo ID: e2026126

Editores Chefes:

Dra. Marialva Barbosa
Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ
Dra. Sonia Virginia Moreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ
**Editores Responsáveis pelo processo de recepção,
desk review e avaliação:**

Ana Paula Goulart de Andrade (UFRRJ) e Jorge
Carlos Felz Ferreira (UFJF)

Editores Executivos:

Dr. Jorge C. Felz Ferreira
Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF
Dra. Ana Paula Goulart de Andrade
Univ. Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ

Editor Associado:

Dr. Sandro Torres de Azevedo
Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ

Revisoras:

Cristine Gerck (português)
Felicity Clarke (Inglês)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ

Editoração e marcação XML:

IR Publicações

Financiamento:

CNPq

Como citar:

LEITE, Raquel Pereira R. e BOTELHO-FRANCISCO,
Rodrigo E.. MISOGINIA E DISCURSO DE ÓDIO:
Um estudo netnográfico no WhatsApp. São Paulo:
INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da
Comunicação, v. 49(2026) e2026126. <https://doi.org/10.1590/1809-58442026126pt>

Autor(a) de contato:

Raquel Pereira Rodrigues Leite
raquelprleite@gmail.com

Resumo

Este artigo relata como o discurso de ódio contra mulheres se manifesta em grupos abertos de WhatsApp, a partir da análise aprofundada de um grupo. Adotou-se a perspectiva Netnográfica, composta por um percurso metodológico que incluiu: construção do referencial teórico, análise documental dos Termos de Serviço do WhatsApp, observação participante artificial em grupos abertos do WhatsApp e Facebook, análise de Conteúdo e entrevistas semiestruturadas com especialistas. Foi possível identificar comportamentos que vão da desumanização à incitação de violência, destacando as características dos discursos misóginos e os aspectos culturais e comportamentais dos participantes. Os achados evidenciam lacunas nos Termos de Serviço do WhatsApp, expõem a misoginia e demonstram como o discurso de ódio reflete relações de poder e objetiva subjugar mulheres, prejudicando a democracia e a dignidade humana.

Palavras-chave: Discurso de ódio. misoginia. WhatsApp. plataformas digitais. cibercultura.

Abstract

This study examines how hate speech against women manifests in open WhatsApp groups, based on an in-depth analysis of one group. The research adopts a netnographic approach, structured through a methodological pathway that includes the development of a theoretical framework; a documentary analysis of WhatsApp's terms of service; artificial participant observation in open WhatsApp and Facebook groups; content analysis; and semi-structured interviews with experts. The analysis identifies behaviors ranging from dehumanization to incitement to violence, highlighting key characteristics of misogynistic discourse as well as the cultural and behavioral dynamics of participants. The findings reveal gaps in WhatsApp's terms of service, expose misogyny, and demonstrate how hate speech reflects power relations and aims to subjugate women, harming democracy and human dignity.

Keywords: Hate speech. misogyny. WhatsApp. digital platforms. cyberculture.

CRedit

- Conflitos de Interesse: As autoras certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
- Contribuição das autoras: Conceitualização, Curadoria de dados, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Visualização, Escrita – rascunho original: LEITE, Raquel P. R. Supervisão, Validação, Escrita – revisão e edição: FRANCISCO-BOTELHO, R. E.

Disponibilidade dos Dados:

Todos os dados que deram base ao presente artigo encontram-se no corpo do texto.

A Revista Intercom incentiva o compartilhamento de dados mas, por observância a ditames éticos, não demanda a divulgação de qualquer meio de identificação de sujeitos de pesquisa, preservando a privacidade dos sujeitos de pesquisa. A prática de *open data* é viabilizar a reproducibilidade de resultados, e assegurar a irrestrita transparência dos resultados da pesquisa publicada, sem que seja demandada a identidade de sujeitos de pesquisa.

Linguagem inclusiva:

Os autores usam linguagem inclusiva que reconhece a diversidade, demonstra respeito por todas as pessoas, é sensível a diferenças e promove oportunidades iguais.

Verificação de plágio:

A Revista Intercom submete todos os documentos aprovados para a publicação à verificação de plágio, mediante o uso de ferramenta específica.

Resumen

Este artículo describe cómo se manifiesta el discurso de odio contra las mujeres en grupos abiertos de WhatsApp, con un análisis en profundidad de un grupo. Se adoptó la perspectiva Netnográfica, un enfoque metodológico que incluyó la construcción del marco teórico, el análisis documental de los Términos de Servicio de WhatsApp, la observación participante artificial en grupos abiertos de WhatsApp y de Facebook, el análisis de contenido y entrevistas semiestructuradas con expertos. Fue posible identificar conductas que van desde la deshumanización hasta la incitación a la violencia, destacando las características de los discursos misóginos, los aspectos culturales y el comportamiento de los participantes. Los hallazgos resaltan lagunas en los Términos de servicio de WhatsApp, exponen la misoginia y demuestran cómo el discurso de odio refleja relaciones de poder y apunta a subyugar a las mujeres, dañando la democracia y la dignidad humana.

Palabras clave: Discurso de odio. misoginia. WhatsApp. plataformas digitales. cibercultura.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY). Os autores retêm todos os direitos autorais, transferindo para a Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação o direito de realizar a publicação original e mantê-la sempre atualizada.



Introdução

A violência de gênero online se intensifica ao explorar características do ciberespaço, como a opacidade de suas regras e as falhas nos mecanismos de denúncia, e facilita a perpetuação de práticas como o discurso de ódio. Sabe-se que a misoginia permanece como uma das principais formas de discurso de ódio no ambiente digital brasileiro, apresentando crescimento expressivo recente. Em 2025, a SaferNet Brasil registrou 8.728 denúncias de misoginia, configurando o segundo tipo de violação mais reportado e aquele com maior crescimento proporcional no período, com aumento de 224,9% em relação ao ano anterior (Agência Brasil, 2026). O aumento que é atribuído tanto à legitimação do discurso de ódio misógino quanto à maior sensibilização social que culmina em mais denúncias, entretanto, evidencia a vulnerabilidade das mulheres nas Plataformas Digitais.

Frente ao fenômeno, compreender a cultura dos grupos, as políticas e os mecanismos de denúncia são roteiros necessários para o debate sobre o discurso de ódio em plataformas Digitais. Neste contexto, a pesquisa relatada neste artigo buscou responder à seguinte pergunta: “como o discurso de ódio contra a mulher se dá em grupos abertos de WhatsApp?”. Para tanto, foram observados 14 grupos, sendo um deles selecionado para análise aprofundada. O WhatsApp foi escolhido por sua ampla capilaridade no Brasil, visto que o aplicativo está presente em cerca de 98% dos *smartphones* no país e é acessado diariamente por aproximadamente 96% a 97% dos participantes, consolidando-se como o principal canal de comunicação digital entre brasileiros (Opinion Box, 2025); e uma das formas de usá-lo é por meio de grupos abertos, nos quais basta ter o *link* ou convite de acesso para fazer parte.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender as dinâmicas comunicacionais nesses ciberespaços. Para tanto, foi adotada uma perspectiva Netnográfica, composta por um percurso metodológico que incluiu: construção do referencial teórico; análise documental dos Termos de Serviço do WhatsApp; observação participante artificial em grupos do Facebook e do WhatsApp; análise de Conteúdo; e entrevistas semiestruturadas com especialistas. Dentre os resultados, é possível demonstrar que as brechas nos Termos de Serviço, o desconhecimento da existência desses contratos e a falta de clareza nas sanções contribuem para as dinâmicas do discurso de ódio de gênero em grupos abertos do WhatsApp. Ademais, foi possível traçar um retrato da misoginia e do homem brasileiro e seu comportamento nesses ciberespaços, demonstrando o que é importante para ele, o que pode ser estigmatizado, o que é ofensivo e o que é tolerável.

Discurso de ódio nas Plataformas Digitais

Observar o discurso de ódio como um fenômeno social implica em considerar a linguagem opressiva como uma forma de violência (Butler, 2021), sendo essa uma manifestação de poder (Arendt, 2020). No ambiente digital, a violência é intensificada por grupos machistas, racistas e homofóbicos, em especial nas relações de gênero, moldadas historicamente por estruturas patriarcais enraizadas no capitalismo e na colonialidade (Segato, 2021).

Tontodimamma *et al.* (2021) destacam a complexidade em definir o discurso de ódio, apesar de identificarem elementos centrais como a segmentação de grupos, a intenção de causar danos e o contexto que pode resultar em violência. Define-se discurso de ódio como aquele que estigmatiza indivíduos ou grupos por meio de palavras, imagens ou símbolos, com a intenção de desumanizar, incitar violência e discriminação (Braga, 2018; Carmo, 2016); associado a práticas racistas, xenofóbicas, homofóbicas e misóginas, violando os princípios de respeito e tolerância (Brown, 2017). A liberdade de expressão, comumente usada para defender o discurso de ódio, não é absoluta, já que não pode ser utilizada para violar os direitos de outros. Por isso, o discurso de ódio é uma conduta, não uma mera opinião (Voos, 2020; Valente, 2020; Latgé; Schneider, 2024).

As Plataformas Digitais desempenham papel crucial na amplificação de comportamentos, expondo as formas como podem incentivar, facilitar e ampliar tendências prejudiciais (Gillespie, 2018). Nesse sentido, as mulheres, em particular, enfrentam uma crescente ameaça de ataques online motivados por discursos misóginos e discriminatórios. Entende-se que elas são os principais alvos do discurso de ódio justamente pela historicidade embutida nessa forma de violência. E dentre as postagens e comentários com discurso de ódio está a misoginia, informalmente caracterizada pelo ódio ou aversão às mulheres, mas que na sua raiz diz sobre poder, correção. Esta prática é empregada para forçar as mulheres a se comportarem em conformidade com as normas patriarcais, sob ameaça ou punição direta quando não o fazem (Richardson-Self, 2021). Estudos sobre comunidades no WhatsApp (Zanello, 2020; Braga; Carauta, 2020; Vilaça; D’Andréa, 2021; Silveira; Souza;



Rosa, 2022) e em outras plataformas (Peres-Neto; Pereira, 2019; Matos *et al.*, 2024; Valente, 2026) revelam a objetificação sexual das mulheres e a perpetuação de estereótipos de gênero.

Plataformas Digitais são “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio da coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados” (Van Dijck *et al.*, 2020, p. 4). Este conceito reflete a transformação das plataformas em elementos estruturais da vida digital contemporânea. No Brasil, o WhatsApp tornou-se a principal fonte de informação para 79% da população (Agência Brasil, 2019), apesar de suas contradições, como as políticas de privacidade e termos de uso (Valente, 2020). Em alguma medida, todas as plataformas proíbem o discurso de ódio, ainda que dentro de categorias mais amplas, como “ataques pessoais” (Gillespie, 2018). As regras estabelecidas podem indicar certa preocupação com diversas formas de ódio, mas a aplicação prática dessas políticas é frequentemente questionada (Silva *et al.*, 2019; Dos Santos *et al.*, 2023; Santos Junior, 2025; Sassi; Rosa, 2024).

O WhatsApp define regras contra conteúdos de ódio em seus Termos de Serviço, mas sua aplicação é limitada, e a moderação de conteúdo depende da denúncia dos participantes (Ullmann; Tomalin, 2020). Dentro desses termos, a Meta define regras explícitas para condutas inaceitáveis, incluindo a proibição de conteúdo ilegal, obsceno, difamatório ou de ódio, reservando o direito de remover conteúdos, restringir funcionalidades e banir usuários em caso de violação (Whatsapp, 2021). Porém, a ambiguidade dos termos não apenas desafia a identificação e remoção de conteúdo prejudicial, mas também sugere uma possível tolerância da plataforma em relação a mensagens que violam suas políticas. Uma análise dos Termos de Serviço do WhatsApp revela termos vagos e subjetivos, como “Uso Aceitável”, para descrever políticas relacionadas às violações, o que gera dúvidas sobre a eficácia e a clareza desses mecanismos, permitindo uma tolerância possível a certos discursos (Gillespie, 2018).

Procedimentos metodológicos

Para responder à pergunta de pesquisa foi adotada uma perspectiva Netnográfica (Kozinets, 2014) que direciona os procedimentos metodológicos escolhidos em seis etapas. Na *Entrée Cultural*, foram definidos os norteadores da pesquisa e o planejamento da pesquisa de campo, que incluiu imersão em grupos selecionados e Observação Participante Artificial (Oliveira, 2016), caracterizada pela inserção da pesquisadora nos grupos com participação controlada, acompanhando as interações sem interferir ativamente nas dinâmicas do ambiente. A partir da técnica de *snowballing* - amostragem em cadeia baseada em indicações sucessivas, em que novos grupos são encontrados a partir de recomendações e conexões entre participantes - chegou-se a cinco grupos do Facebook, que foram a fonte para localização de 14 grupos abertos do WhatsApp.

De 2020 a 2022, a pesquisadora realizou a observação exploratória desses 14 grupos, e na etapa denominada Checagem, um deles foi selecionado para análise aprofundada e teve seu nome anonimizado – Grupo 2. A seleção representa aquele que melhor se apresentou como uma comunidade, ou seja, que possuía laços sociais, identidade compartilhada e uma cultura distinta. É fundamental compreender a comunidade como locais em que são compartilhadas tradições, rituais e responsabilidades morais, refletindo as dinâmicas sociais e culturais contemporâneas. O WhatsApp, por exemplo, representa essas características em grupos abertos, pois a comunicação livre e a formação de redes são evidentes.

No “Grupo 2”, após um período de cinco dias em janeiro de 2020, a pesquisadora foi removida por não participar e interagir com os demais integrantes do grupo. Porém, seguindo as funcionalidades do próprio WhatsApp, todos participantes têm acesso às mensagens e conteúdo multimídia e podem exportar conversas, com limites¹ definidos pela própria plataforma para a quantidade de mensagens incluídas no arquivo (WhatsApp, 2021). Assim, na Coleta e Análise (Kozinets, 2014), um levantamento prévio de todas as postagens relevantes foi realizado, em 4.772 linhas. Após a higienização dos dados, 127 mensagens se tornaram o *corpus* da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), que resultou seis categorias: “Desumanização”, “Ridicularização”, “Assédio”, “Silenciamento”, “Ataque e incitação à violência” e “A mulher mais próxima”.

Para a Validação dos Dados (Kozinets, 2014), diante da sensibilidade do tema e da impossibilidade de retorno aos integrantes do grupo, foram selecionados três especialistas com atuação na intersecção entre discurso de ódio e gênero, vinculados à pesquisa acadêmica e com experiência em estudos sobre plataformas digitais e comunidades online. Codificados como Especialista X, Y e Z, os participantes incluem docentes

¹ À época da coleta de dados, o WhatsApp estabelecia limites técnicos para exportação de conversas, permitindo até 10 mil mensagens com arquivos de mídia ou 40 mil mensagens sem mídia, valores que não constam nas versões mais recentes da documentação da plataforma.



e pesquisadoras da área (Tabela 1). As entrevistas semiestruturadas foram realizadas entre 5 e 13 de julho de 2022, com duração média de 1h30, sendo gravadas e transcritas. Para além da validação das categorias da Análise de Conteúdo, os especialistas contribuíram para a interpretação dos achados, articulando-os ao referencial teórico.

Tabela 1 - Perfil dos especialistas entrevistados.

	Perfil profissional	Área de atuação
Especialista X	Professor universitário e pesquisador	Discurso de ódio online e plataformas digitais
Especialista Y	Doutoranda e pesquisadora	Ciberfeminismo, net-ativismo e jogos digitais
Especialista Z	Professora universitária e pesquisadora	Discurso de ódio e mídias digitais

Fonte: os autores (2024).

Também na perspectiva netnográfica de Kozinets (2014), adotaram-se posturas e cuidados éticos durante todo o desenvolvimento da pesquisa. No entanto, é importante observar que o ciberespaço é um território relativamente novo, e um *framework* ético claro ainda está em desenvolvimento para orientar os pesquisadores (Townsend; Wallace, 2016). Em ambientes digitais potencialmente perigosos, como grupos que promovem discurso de ódio, é particularmente relevante quando o pesquisador, especialmente se mulher, se envolve em coleta de dados violentos. Questões Éticas relevantes à pesquisa Netnográfica incluem a natureza pública ou privada das comunidades, obtenção de consentimento informado, propriedade dos dados postados e a influência das fronteiras internacionais (Kozinets, 2014). Nos grupos abertos de WhatsApp e Facebook, nos quais os participantes são desconhecidos e fluidos, a verificação de informações é desafiadora. Diante dessas complexidades, a pesquisa adotou como medidas para garantir uma abordagem ética: os contratos previamente aceitos pelos participantes; o anonimato de todos os envolvidos; a coleta de dados realizada dentro dos parâmetros dos Termos de Serviço; e a apresentação dos resultados feita de forma a preservar a confidencialidade, sem expor nomes, números de telefone ou outras informações identificáveis.

Durante mais de dois anos de pesquisa Netnográfica, foi realizado um processo contínuo de observação e registro que resultou na elaboração de um Diário de Campo² uma das técnicas fundamentais da Netnografia que engloba não apenas os dados arquivados, coletados e criados, mas também as percepções sobre os comportamentos.

Análise e discussão dos resultados

A comunidade escolhida, aqui denominada de “Grupo 2”, tem em sua descrição ser voltada para diversão, amizade, troca de figurinhas e novos contatos. É formada majoritariamente por homens, o que é percebido pelas fotos e nomes dos contatos, quando disponibilizados, mas principalmente pelas conversas que acontecem no espaço. Eles estão inseridos na cultura brasileira que tem como pilares o patriarcado e o machismo. Trata-se de um grupo com até 256 participantes, número que variou durante a participação, voltado à interação social e entretenimento, com integrantes de diferentes regiões do Brasil, identificados por DDD de múltiplos estados, com concentração em diferentes regiões do país, além da presença de números com DDI.

Para classificar essas mensagens como discurso de ódio, a pesquisa se valeu do referencial teórico, assim como do que a plataforma chama de “Uso Aceitável”. A leitura total das mensagens foi essencial para identificar o contexto e, assim, selecionar o *corpus* que melhor representasse as dinâmicas do discurso de ódio contra a mulher no ciberespaço estudado. Com isso, foram separadas 127 mensagens que se encaixam nas definições de discurso de ódio de gênero e misoginia e que, a *priori*, ferem os Termos de Serviço do WhatsApp.

Observou-se a existência de hierarquias no “Grupo 2” que refletem aspectos históricos e coloniais da construção de gênero. Sabe-se que os integrantes têm papéis definidos na pirâmide social que há na comunidade. Havia aqueles que mandavam mais de cem mensagens no período observado; outros que enviaram apenas duas e se mantiveram em silêncio; pessoas que entraram, se depararam com aquele conteúdo e já saíram do grupo; entre outros.

² O Diário de Campo foi organizado em uma planilha Excel em 15 abas de anotações que registram informações relacionadas aos Termos de Serviço do WhatsApp, estudos sistemáticos dos grupos e observações da pesquisa.



Tabela 2 - Critérios para categorias da Análise de Conteúdo.

Categoria	Conceito-chave	Incidência	Exemplos de palavras	Contexto	Operador teórico
Desumanização	Poder	30 Mensagens com discurso de ódio relacionado à desumanização e à animalização das mulheres	Cadela, vaca, orca, baleia, lixo, dragão.	Ofensas que reduzem as mulheres a animais, lixo, dragão ou oferendas, seja pela aparência ou pelo comportamento no grupo.	Richardson-Self (2021).
Ridicularização	Poder	21 Mensagens que caçoam, zombam e ridicularizam a partir de condutas, idade ou aparência física	Velha, asilo, teta caída.	Ataques às mulheres que estão no grupo, interação com ele, mas que não correspondem a um padrão de beleza.	Zanello (2018).
Assédio	Poder Objetificação da Mulher	19 Mensagens que exigem envio de fotos de partes íntimas e de sexualização constante daquelas mulheres	Pelada, peito, teta, buceta.	Desde a entrada das mulheres no grupo, solicitação de fotos e referências a relações sexuais.	Zanello (2018); Richardson-Self (2018; 2021).
Silenciamento	Subordinação Misoginia	5 Mensagens que induzem as mulheres a ficarem caladas	Cala boca, fica quieta, toma aqui e fica quieta, não.	Em situações que as mulheres agem de forma diferente do esperado, indução para que as mulheres não se manifestem ou que não sejam desagradáveis.	Butler (2021); Richardson-Self (2018; 2021).
Ataque e incitação à violência	Misoginia	16 Mensagens com teor de violência física	Porrada, bala, puta, vadia, arrebentar.	Ameaças e xingamentos relacionados à conduta moral da mulher, violência física, referências à estupro.	Arendt (2020); Zanello (2018); Segato (2021) Richardson-Self (2018).
A mulher mais próxima	Patriarcado	36 Mensagens com discurso de ódio que se direcionam às mães, irmãs ou namoradas dos integrantes do grupo	Sua mãe, irmã, namorada, prima.	Ataques feitos às mulheres mais próximas na vida de homens do grupo com o intuito de ofendê-los.	Zanello (2020); Richardson-Self (2021).

Fonte: os autores (2024).

Ao analisar uma comunidade online, é essencial identificar os membros mais ativos e líderes, entender os principais temas, a história e eventuais conflitos do grupo, além das características demográficas e interesses dos participantes, observar a linguagem, os rituais, e as práticas comuns da comunidade (Kozinets, 2014). Fazer essas perguntas para os dados também tornou possível perceber uma hierarquia sobre as relações de poder: mulheres que correspondem às expectativas do grupo são tratadas de forma diferente daquelas que não. Para além das mensagens, aqui a dinâmica é importante, pois as que seguem um padrão de beleza, que ficam caladas diante de ataques ou que atendem aos pedidos masculinos (enviar fotos, áudio, responder na hora, responder mensagens privadas) são mantidas no “Grupo 2”. Essa conclusão é reforçada pela Especialista Y, que afirma ao ter contato com o material: “No WhatsApp, se elas podiam estar no grupo é porque elas tinham algo que valia a pena, provavelmente a beleza, a sensualidade, tiravam sarro das mulheres que não são assim, essas coisas”.

Há exigências diferentes para elas e uma linguagem que muda quando elas estão inseridas nas conversas, especialmente para “corrigir” comportamentos. Espera-se que aquela mulher esteja ali para

corresponder aos desejos do grupo, que estão mais relacionados com a disponibilidade para a violência do que para a diversão. Trata-se de um jogo, em que o poder de um sobre o outro vai direcionar o tom das conversas. Nesse sentido, Zanello (2018, p. 230) diz que o “Jogo de Hierarquias” é dinâmico e que “alguns homens podem fazer alianças sob o escudo da homofobia e assim se sentirem fortalecidos na rejeição das ‘bichas’ ou na desqualificação das mulheres e de atributos considerados femininos”. Isso porque, a rejeição e o repúdio são partes importantes na afirmação da masculinidade.

Para compreender essas e outras dinâmicas a partir da interpretação dos dados levantados (Bardin, 2016), foram seguidos critérios como o conceito-chave usado na categorização; a incidência, ou seja, o número de vezes que aparece dentro do *corpus*; exemplos de palavras encontradas; o contexto dessas mensagens e os operadores teóricos que auxiliam na interpretação dos achados (Tabela 1). A seguir, cada uma dessas dinâmicas é relatada, com exemplos de mensagens e comentários dos especialistas convidados para validação dos achados.

No conceito de discurso de ódio, a **Desumanização** é um elemento-chave, pois trata de ofensas que negam a humanidade daquela pessoa e ferem a dignidade humana ao se referirem a um indivíduo como menor ou de menor valor que o outro. Uma das mensagens, “Late, cadela”, exemplifica momentos em que a mulher estava sendo comparada ao animal não só pelo termo “cadela”, mas por meio do verbo “latir”. Isto inferioriza a voz e o lugar que essas mulheres ocupam no grupo. São mensagens que tratam as mulheres a partir de nomes de animais que fazem referência ao peso, à conduta moral ou à higiene. O objetivo dos emissores desses discursos, ao usar expressões como “porca gorda”, “orca”, “baleia” e “cadela feia”, significa colocá-las em um lugar inferior. Como aponta o Especialista X, “isso tem um peso muito grande, inclusive para estratégias de moderação. Se estamos falando daquilo que ataca a dignidade humana, é preciso entender o que é humano e o que é dignidade antes”.

Já a **Ridicularização** aparece em mensagens que têm o intuito de zombar, caçoar, expor, constranger, debochar ou diminuir as mulheres a partir de características identificadas, como a idade, a aparência, a estética, o jeito de falar, entre outros. São discursos que têm como elementos principais a gordofobia, o etarismo e a ridicularização da aparência. Por exemplo, uma mulher que se recusa a enviar fotos das partes íntimas recebeu a mensagem “Não mando as teta pq não boto o silicone ainda”. O exemplo comprova uma ridicularização que passa por atributos físicos e especialmente por nuances de gordofobia e representa, também, o quanto o ódio à mulher está relacionado ao seu valor. Em determinada mensagem (“Se eu gostasse de gorda fedorenta eu te daria 23cm”), um dos integrantes utiliza o termo “gorda fedorenta” e insinua que, se ele gostasse de algo assim, teria relações sexuais com ela. A mensagem, apesar da construção comum em discurso de ódio de gênero, é, na análise dos especialistas, indigesta e degradante. Embora haja certas semelhanças entre as expressões utilizadas com a **Desumanização**, essa categoria foi desmembrada da anterior por ter um viés de zombaria e uso de recursos humorísticos, muito mais do que o intuito de desumanizar.

A categoria **Assédio** reúne mensagens que mostram, principalmente, as abordagens feitas nos momentos de entrada de novas mulheres no grupo. Como há uma regra de “se apresentar com foto, nome e cidade”, com frequência as mulheres eram assediadas com mensagem como “Agora manda a foto da buceta sua puta”. Para elas a regra é mais cobrada, e aquelas que não correspondem são tratadas de forma repugnante como “feias”, “gordas”, “baleias”, “velhas”, entre outros, como visto nas categorias **Desumanização** e **Ridicularização**. Entretanto, de maneira similar, as mulheres que se apresentam conforme as regras também são atacadas: se sua foto é lida como sensual, automaticamente ela recebe comentários pornográficos, e se responde à altura é tratada como “puta” e “vadia”. O assédio a elas é constante, com pedidos de fotos, invasão do privado e comentários sexuais não solicitados.

Algumas mensagens se assemelham pelo tom imperativo: “se não mandar foto do peito vai ser removida”, “mostra esse peito pá nois” e “tira essa roupa aí vadia” são recursos que os homens utilizam no “Grupo 2” para assediar as mulheres que chegam no grupo, o que é percebido em outros espaços. Isso porque, segundo a Especialista Y, “a sexualização é comum, no sentido de que é normal para eles falarem assim, dos nossos peitos, da nossa buceta, da nossa xota raspada. É o tipo de coisa que está no linguajar desses homens e meninos que tratam a mulher como objeto sexual”. Além disso, corrobora-se com Zanello (2020), que categorizou os tipos de comentários misóginos em grupos de WhatsApp exclusivos de homens e em que a principal categoria foi a objetificação da mulher. Percebe-se o assédio como uma consequência nítida dessa objetificação, ao enxergar essas mulheres como fontes de prazer, seja por sua agradabilidade ou aparência. Se ela mandou aquela “fotinho” é porque tem interesse na relação sexual, como aparece na mensagem “Vc com essa fotinho quer levar maderada né akakakakakaka”. É percebida uma recorrência discursiva de que

há um entendimento que “o objetivo final da existência feminina é agradar os homens de alguma forma, seja sendo agradável, sendo bonita, e não cumprir esse agrado faz com que mereça ser xingada de alguma forma” (Especialista Z).

Para Richardson-Self (2021), nessa lógica, a mulher não tem agência sexual, mas sim é um objeto sexual em vários sentidos. E é por isso que se espera que elas queiram ser o objeto do desejo de um homem em vez de serem elas próprias um agente sexual. A autora traz que “a mulher é figurada como algo que se age: o homem fode, a mulher é fodida – ou seja, a submissão e a passividade das mulheres são tornadas normativas” (Richardson-Self, 2021, p. 47).

Na sequência, foram classificados conteúdos na categoria **Silenciamento**, com frases como “Cala boca e mostra os peito vaca”. Entende-se que o principal prejuízo desta prática de discurso está na retirada da voz destas mulheres. Isto é nocivo não só porque esses discursos são agressivos, mas pela exclusão das mulheres em determinados espaços. Nas mensagens “Fica quieta fêmea” e “Toma aqui! 🗨️ Põe na boca e fica quieta. Tú não tava sabendo pedir leite!” isso fica evidente, pois ao tratar de discurso de ódio de gênero, de acordo com Richardson-Self (2018, p. 265), “o fator coercitivo está em jogo na tentativa de silenciar as mulheres e calá-las, seja envergonhando-as ou fazendo-as sentirem-se ameaçadas”. Por isso, para a Especialista X, essa categoria explicita que “tem um dano social aqui, tira a pessoa do debate público, silencia e busca submissão, verticaliza a relação”.

Butler (2021, p. 39) afirma que “o que o discurso de ódio faz, então, é constituir o sujeito em uma posição subordinada”. Mas quando o **Assédio** e o **Silenciamento** não dão conta de subjugar as mulheres na dinâmica do “Grupo 2”, observou-se uma nova camada de discurso de ódio, voltada para uma nova categoria, **Ataque e incitação à violência**. Nesse sentido, há o questionamento se “existe um discurso de ódio mais perigoso, maior, que mereça mais atenção? Essa é uma pergunta inacabada. Pensando nesse aspecto, há pesos diferentes para silenciamento e ataque, pelo menos para o sentido de moderação” (Especialista X). Por isso, com a divisão, apresenta-se uma categoria que representa a misoginia na sua forma mais pura e violenta. Com isso, foram analisadas 16 mensagens que continham teor de violência física ou agressão verbal direta. Dentre elas estão duas mensagens de teor mais sensível: “A próxima vez que tu me deixar no vácuo vou te rebocar na porrada vadia safada” e “Vou rasga tua cara na bala”. De modo geral, estas mensagens têm ameaças físicas explícitas, seja por meio de “porrada”, insinuação de estupro ou “bala”. São mensagens de reação em um contexto em que aquela mulher não seguiu conforme o esperado, não atendeu algum pedido, ou simplesmente não respondeu as mensagens do “Grupo 2” rapidamente.

De acordo com Arendt (2020, p. 63), “nada é mais comum do que a combinação de violência e poder, nada é menos frequente do que encontrá-los em sua forma pura e, portanto, extrema”. E esses homens que mandaram mensagens que trazem ameaças e sugerem estupros corretivos, se beneficiaram do poder que possuíam no “Grupo 2”. Esse comportamento é também uma construção social do homem brasileiro que está impregnada em todas as camadas da sociedade. Segato (2021, p. 101) argumenta que:

Essa masculinidade é construída por meio de iniciação. Um sujeito é obrigado a adquirir o status da masculinidade enfrentando provações e até a morte, assim como na alegoria e hegeliana senhor-escravo. Esse sujeito masculino deve orientar-se constantemente para masculinidade, pois está sempre sob o olhar avaliador de seus pares. Ele deve confirmar e reconfirmar sua resistência e agressividade, bem como sua capacidade de dominar as mulheres e extrair delas o que eu chamo de tributo feminino, a fim de demonstrar que possui toda a variedade de poderes - físico, marcial, sexual, político, intelectual, econômico e moral - que lhe permitiria o reconhecimento como um sujeito masculino.

Por fim, denominou-se a categoria **A mulher mais próxima** para mensagens como “Manda a buceta da cadela q vc chama de mãe”, que trazem um teor de discurso de ódio que se alastra não só nas Plataformas Digitais e que busca atacar outros homens a partir de ofensas que são destinadas às mulheres mais próximas a eles: mães, na maior parte das vezes, mas também namoradas e irmãs. A figura da mãe aparece com frequência ao proferir discursos de ódio, na tentativa de ofender o outro, de forma que “eu posso sexualizar, objetificar e agredir mulheres, mas não àquelas que pertencem a esse grupo de mulheres respeitáveis - que são as relacionadas a mim, que sou um homem” (Especialista Z). Os termos “mãe” ou “irmã” sozinhos não identificariam um discurso de ódio. É neste sentido que a análise qualitativa é vantajosa, pois consegue olhar

para essas nuances. Por exemplo, nessa categoria o “sua”, indicado pelos dois especialistas nos trechos acima, aparece num contexto em que a mãe é mais um objeto de posse daquele homem, inclusive sendo comparada a objetos em “Sua mãe vem junto de brinde?” e “Sua mãe é minha marmita, falta muito p chamar de mulher”. Novamente a categoria reflete sobre a intenção de quem emite a mensagem. Nesse caso, não é ameaçar uma mulher do grupo ou incitar violência contra ela; aqui há um adicional de desmoralizar aquele homem ao infringir um ataque às mulheres mais próximas a ele.

Considerações finais

Esta pesquisa examinou os grupos abertos do WhatsApp, com análise aprofundada de um grupo específico, e coletou informações que permitiram compreender o discurso de ódio contra a mulher nas Plataformas Digitais. Revelou-se a normalização do ódio e da misoginia, em seis categorias de discurso de ódio, que vão num crescente de agressividade, em grupos que se destinavam a fazer novas amizades. O discurso de ódio contra a mulher é uma expressão misógina enraizada em uma cultura de abusos e opressão de gênero, caracterizada pela agressividade e pela busca de subjugação. Esse tipo de discurso não apenas ataca, estigmatiza e silencia as mulheres no ciberespaço, mas também cria um ambiente inseguro para todas elas, independentemente de serem vítimas diretas ou não.

A Meta é participante central do “Grupo 2”, já que é por meio da empresa que os dados transitam. É ela quem faz a governança dessas informações, lidera e dita práticas para o mercado, bem como oferece a infraestrutura para que essas comunidades virtuais existam. O WhatsApp, enquanto artefato técnico, é um ator não-humano desta relação, que também possui vieses, inclusive o misógino. E não-humanos também são coloniais, capitalistas, patriarcais, heteronormativos, pois foram desenvolvidos e são geridos por essa sociedade.

Os grupos do WhatsApp operam como espaços de livre expressão, não há moderação eficaz tampouco transparência por parte da plataforma. Acredita-se que esses grupos têm um papel na disseminação de discursos de ódio devido à desinibição oferecida como *affordance* central do WhatsApp. Não há sanções claras previstas e não há denúncias, pois o conteúdo que está ali não horroriza nenhum deles, pelo contrário, é tolerado. Essa percepção levanta a questão do quão institucionalizado está o discurso de ódio, a ponto de ser parte da cultura.

Reconhece-se como limitações o recorte temporal, metodológico e de conteúdo, além da necessidade de uma abordagem mais interseccional e do envolvimento dos emissores de discursos de ódio de gênero. Em meio a oportunidades para pesquisas futuras, há o convite para uma reflexão sobre o tratamento do discurso de ódio e da misoginia na sociedade contemporânea brasileira, destacando a importância de desafiar e combater essas formas de violência no ciberespaço e além.

O estudo também destaca a necessidade de abordagens mais robustas para lidar com o discurso de ódio nas Plataformas Digitais, enfatizando a responsabilidade das empresas em promover ambientes seguros e respeitosos. Ainda, em termos de conclusão, a pesquisa trata do WhatsApp, seus termos de uso, *affordances* e características dentro do recorte temporal em que os pesquisadores estiveram em campo. No grupo analisado, o discurso de ódio de gênero está baseado em relações de poder e subordinação, e quando destinado às mulheres busca determinar o comportamento delas a partir de uma construção colonial que traz prejuízos à democracia, à tolerância e à dignidade humana.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Denúncias de crimes cibernéticos crescem 28% em 2025, mostra SaferNet.** 2026. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2026-02/denuncias-de-crimes-ciberneticos-crescem-28-em-2025-mostra-safernet>. Acesso em: 23 mar. 2026.

AGÊNCIA BRASIL. **WhatsApp é principal fonte de informação do brasileiro, diz pesquisa.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/whatsapp-e-principal-fonte-de-informacao-do-brasileiro-diz-pesquisa>. Acesso em: 12 set. 2021.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência.** 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 168 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016. 279 p.



BRAGA, A. A.; CARAUTA, A. A. F. Futebol, gênero e homosociabilidade nas redes sociais: a masculinidade no circuito comunicacional do WhatsApp. **Intercom**, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 43, n. 3, p.165-190, abril, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-5844202019>. Acesso em: 6 maio. 2024.

BRAGA, Renê Moraes da Costa. A indústria das fake news e o discurso de ódio. In: PEREIRA, Rodolfo Viana (org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**: volume I. Belo Horizonte: Instituto para o Desenvolvimento Democrático, 2018. p. 203-220.

BROWN, A. What is hate speech? Part 1: The Myth of Hate. **Law and Philosophy** 36, 419–468, March, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10982-017-9297-1>. Acesso em: 6 maio. 2024.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2021. 282 p.

CARMO, C. M. D. Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 64, p. 201-223, ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i64p201-223>. Acesso em: 6 maio. 2024.

DOS SANTOS, L. C.; TOMAZ, R.; DIENSTBACH, D.; MATOS, E.; SANCHES, D. Discurso de ódio online: uma análise das políticas das plataformas digitais para moderação de conteúdo. **E-Compós**, v. 26, 2023. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2709>. Acesso em: 6 maio. 2024.

GILLESPIE, T. **Custodians of the Internet**: Platforms, Content Moderation, and the Hidden Decisions that Shape Social Media. New Haven: Yale University Press, 2018. 296 p.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014. 203 p.

LATGÉ, L. C.; SCHNEIDER, M. O evangelho segundo as plataformas digitais: O livro do Twitter. **E-Compós**, 2024. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2927>. Acesso em: 6 maio. 2024.

MATOS, Eurico; TOMAZ, Renata; MAIA, Alessandra; SANCHES, Danielle; BENTES, Anna; FOLETTO, Leonardo; SANTOS, Luiza. Online hate speech and instant messaging apps: An emerging research agenda. **First Monday**, [S. l.], v. 29, n. 9, 2024. DOI: 10.5210/fm.v29i9.13623.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. 244 p.

OPINION BOX. **Pesquisa WhatsApp no Brasil**. Belo Horizonte: Opinion Box, 2025. Disponível em: <https://materiais.opinionbox.com/pesquisa-whatsapp-no-brasil>. Acesso em: 23 mar. 2026.

PERES-NETO, L.; PEREIRA, G. A. Ética, liberdade de expressão e discurso de ódio de gênero em sites de redes sociais. **E-Compós**, v. 22, n. 1, 2019, p. 1–25. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.1593>. Acesso em: 6 maio. 2024.

RICHARDSON-SELF, L. Woman-Hating: On Misogyny, Sexism, and Hate Speech. **Hypatia**, Volume 33, Issue 2, 2018, pp. 256 - 272. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/hypa.12398>. Acesso em: 6 maio. 2024.

RICHARDSON-SELF, Louise. **Hate Speech Against Women Online**: Concepts and Countermeasures. London: Rowman & Littlefield, 2021. 308 p.

SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves dos. Análise da remoção de vídeos da eleição de 2022 ao atentado golpista de 08 de janeiro. São Paulo: INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 48, e2025113. <https://doi.org/10.1590/1809-58442025113pt>.

SASSI, Ana Carolina; ROSA, Isabela Quartieri da. Relações de poder e redes de comunicação: o discurso de ódio protagonizando engajamento. **Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 1–19, 2024. DOI: 10.35699/2525-8036.2024.51384.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 345 p.

SILVA, L. R. L.; BOTELHO-FRANCISCO, R. E.; ALISSON AUGUSTO DE OLIVEIRA, A. A. de; PONTES, V. R. A gestão do discurso de ódio nas plataformas de redes sociais digitais: um comparativo entre Facebook, Twitter e Youtube. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 470–492, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/rici.v12.n2.2019.22025>. Acesso em: 6 maio. 2024.

SILVEIRA, F. L.; SOUZA, A. T.; ROSA, P. O. Negacionismo científico e tecnologias algorítmicas em tempos pandêmicos: : etnografia das narrativas bolsonaristas em grupos de WhatsApp. **Revista Opinião Filosófica**, v. 13, n. 1, p. 1–29, 2022. Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/1057>. Acesso em: 6 maio. 2024.

TONTODIMAMMA, A., NISSI, E., SARRA, A. *et al.* Thirty years of research into hate speech: topics of interest and their evolution. **Scientometrics**, v. 126, p. 157–179, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11192-020-03737-6>. Acesso em: 6 maio. 2024.

TOWNSEND, L.; WALLACE, C. **Social Media Research: a guide to ethics**. Aberdeen: University of Aberdeen, 2016. Disponível em: https://www.gla.ac.uk/media/media_487729_en.pdf. Acesso em: 20 maio 2022.

ULLMANN, S., TOMALIN, M. Quarantining online hate speech: technical and ethical perspectives. **Ethics Inf Technol**, v. 22, p. 69–80, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10676-019-09516-z>. Acesso em: 6 maio. 2024.

VALENTE, Mariana. A liberdade de expressão na internet: da utopia à era das plataformas. In: FARIA, José Eduardo (org.). **A Liberdade de expressão e as novas mídias**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020. cap. 3, p. 25-36.

VALENTE, Mariana. **Online Misogyny in Brazil**. Law, Internet Governance, and the Struggle for Gender Justice. Springer Nature Switzerland AG, 2026. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-032-07727-1>

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The platform society: Public values in a connective world**. Oxford University Press, 2018.

VILAÇA, G.; D'ANDRÉA, C. Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410–440, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703. Acesso em: 6 maio. 2024.

VOOS, Yana Paula Both. É isto a liberdade de expressão? As notícias fraudulentas e o discurso de ódio na era da pós-verdade. In: HARTMANN, Gabriel Henrique; PATZ, Stéfani Reimann; PIAIA, Thami Covatti (Org.). **Anais Seminário sobre Inteligência Artificial, Proteção de Dados e Cidadania**. Santo Ângelo: EdiURI, 2020.

WHATSAPP, 2021. Termos de Serviço do WhatsApp. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/legal/updates/terms-of-service>. Acesso em: 6 maio. 2024.

ZANELLO, Valeska. **Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”**: um estudo sobre os grupos de WhatsApp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, Larissa (Org.). **Gênero em perspectiva**. Curitiba: CRV, 2020. p. 79-102.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2018. 301 p.

